

A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul de Mato Grosso: o caso de Dourados (1914 – 1960)

Roney Salina de Souza
Mestrando em História - UFGD

Resumo:

Analisamos os fatores políticos e econômicos da emigração de sírios e libaneses da Grande Síria, no Oriente Médio, para o interior do Brasil, no antigo Sul de Mato Grosso, na cidade de Dourados. No início do século XX, Dourados apresentou mudanças nos meios de transporte e nos centros de abastecimento do comércio circunscrito, que passavam por Aquidauana, Campo Grande e depois ao oeste de São Paulo. Iniciavam com o trabalho móvel de mascates, depois fixam residências e casas comerciais já no início dos anos 1920. Com a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, 1943, a cidade acelerou seu processo de urbanização, aumentando a população e tornando-se um espaço promissor de maiores relações comerciais atraindo mais ainda imigrantes sírios e libaneses, os quais ajudaram a compor as diferentes identidades locais.

Palavras-chave: Sírios – Libaneses – Sul de Mato Grosso.

Abstract:

We have analyzed the economical and factors of immigration of Syrian and Lebanon people from the Big Syria, in the Middle East to the inland of Brazil, in the ancient south of Mato Grosso in the city of Dourados. At the beginning of the XX century, Dourados showed changings in the means of transportation and in the centres of supplying of the local commerce, whiche moves, first, from Aquidauana, Campo Grande and the west of São Paulo. They started as peddlers and the beginning of 1920 they have houses and shops. With the introduction of Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, in 1943, the city sped up its urbanization process, increasing its population and become a promising space of bigger bussines relationship, attracting more and more Syrian immigrants and Lebanon people who help us to compose the different local identities.

Keywords: Syrian – Lebanon people – South Mato Grosso.

A Revolução Industrial¹ do século XIX inicia um novo processo econômico que se espalharia pelo mundo, caracterizado pela rápida produção, desenvolvimento de novas tecnologias e com forte espírito de lucro. Com a evolução do capitalismo ocorre uma crise neste sistema em 1873, conhecido como “*Depressão*”, a qual eliminou as empresas menores, com isso as de maior porte racionalizaram a produção e o capitalismo entrou em um período monopolista conhecido como Imperialismo (HOBSBAWM, 1981: 62).

Nesta fase imperialista o efeito mais forte foi a expansão colonialista do século XIX. A grande concentração de capitais que foram gerados a partir de monopólios internacionais partilhou grandes áreas do mundo entre as principais potências. Estes países ricos que passaram pela Revolução Industrial necessitavam de matéria-prima barata e acessível, alimentos e mercados consumidores nas áreas periféricas da América, Ásia, Oceania e África. Sobre estes locais, investiram seus capitais disponíveis, construindo, por exemplo, ferrovias para escoarem com maior facilidade as mercadorias coloniais (HOBSBAWM, 1981: 62).

A Ásia se tornou uma zona de influência para os interesses dos industriais ingleses e franceses. Por outro lado, já no Oriente Médio, em 1916, com os Acordos de Sykes-Picot dividiram a região da “*Grande Síria*”, que englobava Palestina, Síria e Líbano. Esta região ficou sob o mandato da França (MASSOULIÉ, 1994: 20). As transformações geradas pela industrialização vão atingir o cotidiano das comunidades aldeãs do Oriente Médio:

A melhoria dos transportes marítimos e terrestres minando a produção local de artesãos independentes; o crescimento urbano também ensejou uma produção agrícola comercial de maior escala, que deslocou as plantações de subsistência. A indústria têxtil, em boa parte de caráter doméstico, não resistiu à competição de produtos importados (TRUZZI, 2000: 316).

Observou-se também a questão demográfica: aumentou a população jovem que não via na agricultura diluída e nos solos semidesérticos uma possibilidade de maior qualidade de vida (TRUZZI, 2000: 317).

No campo político os muitos Estados Nacionais que atualmente compõem o mapa do Oriente Médio não existiam e seus habitantes estavam submetidos ao Império Otomano dos turcos. Esta dominação política também foi um dos fatores que impulsionaram

¹ Este artigo é um breve resumo do tema da monografia de Iniciação Científica intitulada *A presença dos imigrantes sírios e libaneses no povoamento e nas relações comerciais da região de Dourados (1920-1960)*, desenvolvida por mim no período de 2002 a 2003 na UFMS/Dourados, financiada por PIBIC/CNPq/UFMS e orientada pelo Prof^o. Dr^o. Paulo Roberto Cimó Queiroz.

a emigração no Líbano, por exemplo, e obrigou as pessoas a buscarem exílio em outros países. Com a Primeira Guerra Mundial iniciou-se o processo de libertação política. Os otomanos apoiaram os países do Eixo, enquanto os sírios, libaneses e outros aliados árabes juntam-se à Inglaterra acreditando na promessa de independência pós-guerra. Esta liberdade só viria com a Segunda Grande Guerra, “*que acrescentou a Síria e o Líbano à lista de Estados árabes soberanos*” (LEWIS, 1996: 315), foram então criadas a República do Líbano e a República Árabe Síria². Por fim, questões de natureza religiosa também influenciaram a independência das regiões, mas numa proporção menor (SALÉM, 1969: 39-67).

Diante dos fatores acima mencionados, a saída encontrada pelas famílias, frente aos novos tempos que se apresentavam, foi o envio de seus jovens para a América, principalmente. A América atraía os imigrantes, pois tinha uma relação de terra-trabalho atrativa em relação à outros continentes. Na Europa, por exemplo, “*a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto cara*”. Assim, o fato de se conseguir uma propriedade rural em curto prazo chamava a atenção de trabalhadores sem terra (KLEIN, 2000: 15-16).

O desejo dos emigrantes era ir e ficar um breve período, enviar dinheiro e retornar. Mas não se tratava de uma simples aventura apenas. Os que estavam ficando dependiam dos que iam emigrar, estes deveriam enviar remessas de dinheiro, ou mesmo uma quantia para a passagem a fim de que outros viajassem também. O envio de dinheiro significava um recomeço: a família adquiriria mais terras e tecnologia, aumentando a propriedade, o cultivo e o “*status*” familiar, além, é claro de fazer nascer o desejo de migrar outros conterrâneos (TRUZZI, 2000: 317). “*Fazer a América*”, esse era a máxima do emigrante (KLEIN, 2000: 24).

No Oriente Médio, nos diferentes momentos em que a indústria foi chegando ela impulsionou os mercados locais; para o emigrante ficou mais difícil obter passaportes e cruzar as fronteiras dos novos Estados Nacionais formados após as duas Guerras Mundiais. O crescimento demográfico diminuiu. Também, a exemplo dos Estados Unidos, os outros países da América começaram a criar leis mais sérias com relação à imigração (KLEIN, 2000: 26).

² Com esta consolidação esses povos foram reconhecidos como sírios e como libaneses e não mais da maneira como eram freqüentemente tratados (como ocorreu também no Brasil), ou seja, como “*turcos*”, “*turco-árabes*” ou “*turco-asiáticos*”; estes nomes englobavam não só sírios e libaneses mas curdos, sauditas, jordanianos, enfim o primeiro termo, “*turco*”, é que se popularizou, nome esse que carregavam por estarem sob o jugo do Império Otomano - ÁRABES: gente como a gente, *Qual é o assunto?* São Paulo, ano 1, nº 1, p.18-24. [2002] p. 22.

Desde o período da Colonização Portuguesa observamos a presença do elemento sírio-libanês, mas esta vai se acentuar nos fins do século XIX, quando tem início a migração regular no Brasil apoiada, inclusive, pelo Estado, assim “*vieram sírios, libaneses, italianos, alemães, poloneses, russos, suíços, austríacos, ingleses, chineses, sem prejuízo da continuidade dos franceses, judeus e portugueses. Negros forros e escravos também ingressaram na mascateação*” (GOULART, 1967: 165).

O período principal da imigração sírio-libanesa para o Brasil, de acordo com Truzzi, se dá de 1908 a 1939; neste período teriam entrado no país cerca de 47.361 emigrantes, mas teriam saído 21.323 (45%) de pessoas, o que vem a confirmar também os fortes laços familiares com os que haviam ficado nas terras de origem (TRUZZI, 1997: 30).

Sírios e libaneses eram praticantes da agricultura, porém, ao contrário do que se esperava, não se ocuparam desta prática econômica. Isto se deu por não terem se adaptado à forma de produção agrícola nacional, concentrada no grande latifúndio, que era diferente da do Oriente Médio, fixada em pequenas propriedades administradas por famílias. Além disso, a maioria veio sem recursos econômicos, dificultando a posse da terra, e, ainda se fossem colonos, levariam cerca de duas gerações para possuírem uma propriedade rural (TRUZZI, 1997: 45). Uma segunda opção profissional foi a de comerciante, e foi essa que prevaleceu para as primeiras gerações desde o final do século XIX.

O objetivo dos imigrantes era bem claro: *fazer dinheiro*. As coisas se encaixavam: estavam num outro lugar, logo, se quisessem sobreviver tinham que se adaptar; ser mascate exigia pouco, apenas mercadorias não muito difíceis de transportar (botões, roupas, agulhas, bijuterias, lenços e outras coisas leves), e, além disso, havia mercado consumidor, principalmente no meio rural. Temos então três fatores importantes para o sucesso dos sírio-libaneses como comerciantes: necessidade, flexibilidade material e mercado consumidor.

Isto contrariava o projeto de imigração das elites brasileiras, que desenvolveram uma política para suprir a mão-de-obra ausente, após o fim do tráfico negreiro, externo e interno, nas lavouras de café do oeste paulista. A articulação comercial dos sírios e libaneses não resolvia “*o problema do braço agrícola, não era conveniente ao país. A imigração síria está nestas condições e é preciso dizê-lo sem reservas, pois as idéias não se misturam com interesses e conveniências*”, posto que as mencionadas elites defendiam trabalhadores brancos europeus, na lógica do darwinismo social sendo os árabes considerados indesejados (AMARÍLIO JÚNIOR, 1935: 39).

O antigo sul de Mato Grosso – SMT³, no início do século XX, dispunha de vias de comunicação que o colocavam em contato principalmente com o sudeste brasileiro (São Paulo e Minas Gerais), o Paraguai e o estuário do Rio da Prata (QUEIROZ, 1999: 449).

Para o Rio do Prata, utilizava-se a via fluvial, pelos rios Paraguai e Paraná. O principal pólo comercial do SMT, nessa época, era Corumbá, situada às margens do rio Paraguai, que, em sua condição de entreposto do comércio de importação e exportação, possibilitava um relevante poder econômico sob a forma de casas comerciais (BERTRAN, 1988: 62).

Corumbá tornou-se um pólo distribuidor de mercadorias para localidades ao sul, leste e centro do SMT, enviadas por via fluvial até onde fosse possível – como era o caso de Miranda (acessível pelo rio Miranda) e Coxim (acessível pelo rio Taquari) – e continuando o trajeto por estradas de terra.

De Miranda prosseguia-se por terra para a cidade de Nioaque, Campo Grande e a região dos Campos de Vacaria. Em finais do século XIX, já com certa concentração de pessoas fixas, destaca-se o povoado de Aquidauana, às margens do rio Aquidauana, com acesso fluvial direto a Corumbá. Em 1913, ou seja, vinte anos depois, o núcleo já se ligava por terra até Bela Vista, Ponta Porã, Nioaque e Campo Grande, redistribuindo mercadorias para outras localidades entre as quais, Dourados (QUEIROZ, 1999: 450).

É no primeiro quartel do século XX que se dá a concentração de não-índios na região onde depois surgiria o povoado de Dourados. Com a nucleação, pequena é claro, ocorre em 1914 a criação do Distrito de Paz de Dourados, vinculado ao município de Ponta Porã. Aos poucos as pessoas vão chegando, aumentando o contingente populacional, fixando residências e fazendas. A principal fonte econômica para o Distrito era a agropecuária, destacando-se a extração da erva-mate, praticada pela maioria dos moradores.

O povoado de Dourados, especificamente, ligava-se principalmente a caminhos de terra para Ponta Porã, Aquidauana e Campo Grande. De maneira geral o caminho seguia de Dourados para o oeste, passando pela Lagoa Grande (atual Itahum), e em seguida bifurcando-se, à esquerda chegava-se a *“Ponta Porã; tomando-se à direita, passava-se por Vista Alegre e seguia-se para Nioaque e depois Aquidauana. Esse último*

³ Este antigo Sul de Mato Grosso, o qual utilizo a sigla SMT para indicá-lo, corresponde ao atual Estado de Mato Grosso do Sul surgido da divisão de Mato Grosso em 1977, cuja capital é Campo Grande.

caminho tinha também uma bifurcação, depois de Vista Alegre, por onde se podia seguir diretamente para Campo Grande”⁴.

Neste período o centro *principal* de abastecimento de mercadorias para Dourados, até meados da década de vinte, era Aquidauana. O depoimento de Antônio Capilé, que chegou a Dourados em 1918, confirma tal afirmação: “*o comércio aqui era fraco, portanto os douradenses abasteciam-se em Aquidauana, principalmente*”, e ocorreu até meados dos anos vinte (GRESSLER & SWENSSON, 1988: 67).

Em 1905 começou a construção da E. F. Noroeste do Brasil – NOB. O impacto econômico da ferrovia deu-se aos poucos, mas não demorou muito. Com o término, em 1914, do trecho Bauru-Porto Esperança, passando por Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana e Miranda, assiste-se a uma transferência de hegemonia econômica da cidade de Corumbá para Campo Grande – que se torna o principal pólo comercial da região, recebendo mercadorias diretamente de São Paulo. Mais tarde, a partir de fins dos anos 30, a NOB foi concluída, seus trilhos foram prolongados de Porto Esperança até Corumbá. Na mesma época, foi construído o ramal de Ponta Porã, que partia da estação de Indubrasil, próxima a Campo Grande, que seguia até a referida cidade fronteiriça. Nesse ramal, destacavam-se as estações de Maracaju, inaugurada em 1944, e de Itahum – esta última situada no município de Dourados, a cerca de 60 km da cidade, inaugurada em 1949 (QUEIROZ, 1999: 499).

Com a NOB, o papel de Aquidauana, como pólo redistribuidor de mercadorias, não foi muito afetado: a cidade apenas deixou de receber mercadorias via Corumbá, passando a recebê-las diretamente de São Paulo. Talvez por isso o comércio douradense tenha continuado a abastecer-se em Aquidauana até meados dos anos 1920.

A partir dessa época, entretanto, as coisas começam a se transformar. As pessoas mudam as rotas para o abastecimento de Dourados, que passa a ser feito em Campo Grande. Para chegar a essa cidade, tomava-se o caminho que saía, como dito, ao mesmo tempo, para Ponta Porã. Uma depoente comenta que “*quando começamos a ir para Campo Grande as carretas levavam couro, erva-mate, farinha de mandioca. Saía-se de Dourados, passávamos pela Lagoa Grande (hoje Itahum), descíamos para Vista Alegre e depois chegávamos a Campo Grande*”⁵.

Como se vê, usavam-se carretas para esse comércio. Em meados dos anos 1940 passariam a ser usados também os caminhões. A mesma entrevistada informa que,

⁴ Depoimento de Ercília de Oliveira Pompeu, entrevistada em 13 de maio de 2003.

⁵ Depoimento de Ercília Pompeu.

na década de quarenta, os caminhões e as carretas passaram a seguir uma outra rota rumo a Campo Grande, via Maracaju, deixando, portanto, a antiga rota que passava por Itahum.

A ligação do comércio douradense com Itahum adquiriu certa importância a partir do momento em que ali foi estabelecida uma estação da NOB, em 1949. Segundo Queiroz, no entanto, não se pode exagerar a importância assumida pela estação de Itahum:

a efetiva decolagem da economia agrícola no município de Dourados prescindiu, em larga medida, do ramal de Ponta Porã. A esse respeito, cabe assinalar a situação relativamente desfavorável deste ramal, um tanto excêntrico em relação ao núcleo agrícola constituído pela Colônia de Dourados. Essa colônia, de fato, situou-se em grande área de terras férteis que se estendem a *leste* da cidade de Dourados; o ramal, por seu turno, passou relativamente longe desse núcleo, estando a estação de Itahum localizada a cerca de 60 quilômetros a *oeste* de Dourados (QUEIROZ, 1999: 499).

Itahum atinge seu pico no transporte de mercadorias em 1952 (Queiroz, 1999: 500). Com a entrada do ramal da NOB, o que se seguiu foi uma diminuição da distância, por estrada de rodagem, entre Dourados e a ferrovia – comparando-se a distância até Itahum (60 km) e o percurso antes feito pelos caminhões para chegar até Campo Grande (mais de 200 km). Agora as mercadorias ficavam mais perto. Todavia o preço do frete rodoviário até Itahum era alto, logo isto enriquecia os donos de caminhões e dificultava a vida dos comerciantes. Segundo Ismail Chama, “*Itahum começava a perder importância no final dos anos cinquenta*”⁶.

A estação de Maracaju também serviu ao comércio de Dourados; ainda de acordo com Ismail Chama, “*Maracaju foi importante também até 1965 e por ele o comércio douradense também obtinha mercadorias*”⁷. Uma outra fonte paralela para o abastecimento do comércio douradense, que foram surgindo, eram os viajantes que vinham de São Paulo, de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, e do Rio de Janeiro. Estes viajantes representavam marcas, empresas, grandes empresários, etc. Segundo Ercília Pompeu, já existiam viajantes desde a década de trinta. E em outros depoimentos encontramos referências aos viajantes: “*todos os meses ia a São Paulo, comprava dos atacadistas Casa Zacarias, Armarinhos Âmbar, Tecidos Esperidião; dos viajantes, comprava com mostruário, dos de Porto Alegre sempre adquiria calçados, também se abasteciam em Campo Grande*”⁸.

⁶ Depoimento Ismail Mohamad El Chamaa, entrevistado em 11 de novembro de 2002.

⁷ Depoimento Ismail Mohamad El Chamaa.

⁸ Depoimento de Zaki Ahmad Gebara referindo-se ao período de 1954, entrevistado em 29 e 30 de outubro de 2002.

No período do governo Vargas, durante o Estado Novo, foi articulado um projeto conhecido como *Marcha para Oeste*. Em Dourados isto se materializou em 1943, com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados. A CAND modificou o cotidiano da cidade. Realmente, o território da Colônia era de terras férteis e muito produtivas, tanto que as pessoas vieram em massa para a região; a CAND atraiu um grande número de migrantes destinados a tomar posse de lotes de 25 a 30 hectares cada um (BETONI, 2002: 22).

Como se tratava de uma Colônia Agrícola a produção começou a ser escoada por ligações rodoviárias como a do Estado de São Paulo, aumentando assim o interesse pela região, valorizando ainda mais as terras. No oeste paulista já estava em circulação a Estrada de Ferro Sorocabana, que vinha até o Porto Tibiriçá, às margens do rio Paraná, em frente ao Porto Quinze, este do lado mato-grossense. Os administradores da CAND deveriam articular uma estrada que ligasse Dourados ao Rio Brilhante (antiga Entre Rios) e a partir desta ir até o Entroncamento (atualmente Nova Alvorada do Sul) e daí continuar pela estrada que ia ao Porto Quinze, lembrando que só em meados da década de cinquenta é que este objetivo se concluiu totalmente. Aos poucos aumentava a importância da Rodovia que vai até o Porto Quinze, ou seja, até a zona paulista da Sorocabana, não necessariamente a ferrovia propriamente dita, mas para a rede rodoviária construída junto a ela (QUEIROZ, 1999: 500).

Esta era a principal via de escoamento da produção agrícola da CAND, na região de Dourados, rumo a São Paulo, levando produtos da Colônia e trazendo mercadorias para os comerciantes através de caminhões. Isto foi se concretizando aos poucos, paralelamente, e se tornando mais volumoso em fins da década de cinquenta.

A ferrovia Noroeste, no início do século XX, teve um importante papel na entrada de imigrantes no SMT, serviu aos “*elementos estrangeiros, provenientes da migração*”, que “*começaram a fluir para o Mato Grosso*”. Sodré faz menção a respeito de atividades comerciais desenvolvidas por estrangeiros, referindo-se especificamente aos “*sírios*” (além dos judeus e poloneses) nas “*funções comerciais*” (SODRÉ, 1941: 113).

À chegada destes novos elementos no cotidiano mato-grossense é importante destacar que os primeiros imigrantes da passagem do século XIX para o XX, vinham com poucos recursos no bolso ou mesmo somente com seus sonhos e sua vontade de enriquecer. Posteriormente, os novos imigrantes do século XX já viam os primeiros como referências, pois os pioneiros, que estavam engajados na *profissão absoluta* de mascate ou mesmo com seu negócio a varejo, recebiam os recém-chegados, tratando-se mutuamente

como *brimos* – isto porque estes recém-chegados eram amigos, parentes ou conhecidos da terra natal; com esse apoio, seria mais fácil aos novos deslocar-se pelo país e conseguir fornecedores de mercadorias.

Convém observar que os mascates foram considerados um empecilho tanto para o Estado como para os comerciantes. Para os consumidores, era uma novidade que chegava à cidade, e uma maneira de negociar não só a dinheiro, mas trocando mercadorias por outras – a chamada permuta.

Na década de 1920 assiste-se à implantação de casas comerciais em Dourados, e já a partir dessa década se registra na cidade a presença dos sírio-libaneses como donos desse tipo de estabelecimentos. A primeira referência que temos é com relação a Moisés Ralili Salomão, que chegou a Dourados em 1914. Em 1930 já tinha seu próprio comércio. Em 1932 abriu uma padaria, depois se tornou açougueiro e construtor de poços (SOUZA, 2003: 243). Na década de 1910, chega ao Patrimônio de Dourados, José Martins, sírio comerciava mel e prestava serviços de transporte de passageiros em seu pequeno carro Ford (SOUZA, 2003: 211).

Em seguida, registra-se a casa de Elias Milan. Elias chegou a Dourados em 1922, tornou-se “*primeiro comerciante forte da cidade*”. Foi dono da casa comercial *A Favorita*, que, além de Dourados, atendia também à região de Juti, onde foi estabelecida uma filial⁹. Milan possuía caminhões que iam buscar mercadorias em Campo Grande. Produziu cerâmica na fazenda Barreiro Seco, além de ter tido uma fábrica de essência de laranjeira. Depois que Elias já estava em Dourados, seu irmão, Akel Milan, veio do Líbano ao seu encontro (BOSCO, 1995: 114-212). Também em 1922 teriam chegado a Dourados os irmãos Manoel Rasselen e Aziz Rasselen. Libaneses da cidade de Ras El Matn, região montanhosa habitada por drusos, possuíam casas comerciais na esquina das ruas Marcelino Pires com João Rosa Góes, onde aos fundos foi instalada a primeira máquina de beneficiar arroz de Dourados (CAPILÉ JÚNIOR et al., 1995: 10-11).

Em 1929, chegou Salomão Rasslan, libanês de Ras El Matn. Teve casa comercial e depois um bar que abandonou, retornando ao comércio só em 1952 com a casa *Nova Vida do Salomão*; ao fim, voltou ao Líbano e faleceu em 1990 (BOSCO, 1995: 114).

Ainda na década de vinte, Jorge Mamede, libanês, instalou uma casa comercial em Dourados (CAPILÉ JÚNIOR et al., 1995: 19). Na mesma década, o sírio Jacob Aristóffi

⁹ Nota fiscal de A Favorita no Museu Histórico de Dourados.

introduziu em Dourados uma espécie de jogo de bicho; tinha um comércio chamado de *Casa Branca*, na saída da cidade rumo a Ponta Porã (CAPILÉ JÚNIOR et. al., 1995: 353).

Em 1933 registra-se a presença de Aniz Rasslan, também libanês de Ras El Matn, que foi proprietário da *Casa Esperança*¹⁰. Também na década de trinta, chegou a Dourados seu primo, o libanês Hayel Bon Faker, que veio para o Brasil em 1926 (BOSCO, 1995: 108). Na região do Potreiroito fundou a *Casa Damasco*, que ficava onde hoje é a saída para Rio Brillhante¹¹. Hayel atuou na Associação Comercial de Dourados e no esporte como um dos fundadores do Clube Ubiratan, contribuindo também, na criação da Loja Maçônica Antônio João (BOSCO, 1995).

Em 1943 temos a instalação da CAND. Dois anos depois, em 1945, assiste-se à organização do comércio de Dourados, ou seja, é fundada a Associação Comercial de Dourados – ACD¹², a fim de defender os interesses da categoria na região.

A importância da propaganda sobre a *Marcha para Oeste*, e conseqüentemente sobre a CAND, a partir de 1943, atraiu um número significativo de pessoas para a região: “A vinda de colonos, de forma intensiva, para a região onde estava sendo distribuída terra no sul de Mato Grosso, resultou da propaganda desencadeada pelo governo federal” (OLIVEIRA, 1999: 124). Esta propaganda acerca do projeto do governo se tornou mais intensiva na medida em que entrava diretamente nos lares das famílias. Isso se deu, principalmente através do rádio, que se impulsionou depois de 1930. Já em 1941, eram cerca de um milhão de aparelhos (OLIVEIRA, 1999: 125).

A instalação da CAND fez aparecer todo um conjunto de imigrantes que viriam para dar novos rumos à história de Dourados, no sentido econômico e populacional, visto que aumentou o contingente demográfico da cidade, o mercado consumidor e o número de comerciantes na cidade, dentre estes, sírios e libaneses.

No ano de 1953 se fazem presentes em Dourados Mustafa Abdo Sater e Abdo Sater, que compunham a firma *Irmãos Sater*, na Avenida Marcelino Pires¹³. No mesmo ano, Rasslan Salin Rasslan e Latfi Rasslan, ambos sírios, atuaram com uma casa comercial chamada de *Casa das Novidades*, que ficava na Marcelino Pires¹⁴. Além disso, nos mesmos registros consta ainda que foi aberta “*uma casa filial*”¹⁵.

¹⁰ Jornal *O Douradense*, 1948, p. 2.

¹¹ Jornal *O Douradense*, 1948, p. 2.

¹² Posteriormente tornou-se Associação Comercial e Industrial de Dourados – ACID.

¹³ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938-1959, p. 68 e 65.

¹⁴ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 2, referente a Dourados, 1959-1962, p. 53.

¹⁵ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 2, referente a Dourados, 1959-1962, p. 52-53.

Em 1954, atesta-se a presença de Zaki Ahmad Gebara e Osman Ahmad Gebara. Montaram juntos a *Casa Gebara*, que ficava na Marcelino Pires¹⁶. Zaki Gebara permaneceu comerciante até 1997 e atuou na Associação Comercial de Dourados; atualmente – 2005 – é presidente da Sociedade Beneficente Muçulmana da Grande Dourados – SOBEM – e preside os cultos na mesquita da cidade, a qual, junto ao Irmão Osman Gebara e a comunidade árabe-muçulmana, idealizaram e construíram a partir de 1981. Osman faleceu no mesmo ano de 1981. Após a vinda dos dois irmãos do Líbano começaram a migrar também os outros irmãos Hassan e Fátima para o Brasil.

Também em 1954 estabelecem uma casa comercial na cidade os primos Mustafa El Chama e Ismail Mohamad El Chama¹⁷. Desfizeram a parceria em 1958. Mustafa Chama em 1966 associou-se a um posto de gasolina, em 1969 voltou para o ramo anterior, com o *Bazar El Chama*. Ismail Chama, quando do fim do contrato, abriu a *Casa Oriente*, com a qual trabalhou até 1972. Depois continuou no comércio com um novo estabelecimento, o *Bazar Novidade*, onde permaneceu até os anos noventa.

O ano de 1954 atesta também a existência de Ismael Zazze e Abdo Latif Zazze, ambos libaneses, abriram a *Casa Zazze*¹⁸. Ainda na década de 50, o sírio Mohamed Hussein foi proprietário da *Casa Flor da Síria*, na Avenida Marcelino Pires¹⁹.

No ano de 1955 temos a entrada de Akrama Mohamad El Jaji, Ahmad Saadeddine Jaji e Said Abdalah Madi (todos libaneses). Akrama e Ahmad organizaram em março de 1955 uma sociedade o nome da loja era *Loja Carioca*. Esta sociedade durou pouco: em agosto de 1955 foi feito o distrato²⁰. Akrama tentou uma nova sociedade, agora com Said, mas que foi desfeita em 1956.

No ano de 1956 Molid Mahmud Molid e Salte Hamid organizaram uma casa comercial denominada apenas de Casa Comercial, que ficava na avenida central de Dourados, Marcelino Pires²¹. No último ano da década de cinqüenta, o libanês Abdul R. Sultane fez sociedade com Waldir Vila Maior, brasileiro, em 1º de julho de 1959. A “*sede era nesta praça, a Avenida Marcelino Pires [...] comércio de Bar e café*”²²; o destrato foi rápido, no dia 7 de julho de 1959. Enfim, em 1960, Ibrahim Youssef Naba e Amin Youssef

¹⁶ Depoimento de Zaki Gebara e JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938- 1959, p. 78-79.

¹⁷ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938-1959, p. 23 e 77.

¹⁸ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938-1959, p. 24.

¹⁹ Jornal *O Progresso*, 1954, p. 2.

²⁰ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938-1959, p. 32.

²¹ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 1, referente a Dourados, 1938-1959, p. 53.

²² JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 2, referente a Dourados, 1959-1962, p. 16-17.

Naba, ambos sírios, compuseram sociedade comercial, objetivando “a *exploração do ramo de Bazar*” na Avenida Macelino Pires²³.

A imigração de sírios e libaneses para Dourados tem um significado econômico e demográfico importante, primeiro pelo fato de que estiveram neste local após um processo de trabalho do comércio móvel, como mascates, segundo porque acumularam um capital inicial a fim de abrir uma loja a varejo. A casa comercial representa o estabelecimento deste grupo em Dourados, cidade que se desenvolveu urbanisticamente nos anos 1950, fruto da colonização empreendida pelo governo de Vargas e migrantes brasileiros, principalmente nordestinos (CAND).

O aumento demográfico e, conseqüentemente do mercado consumidor, atraiu estes novos varejistas sírio-libaneses, que, inseridos numa conjuntura maior são imigrantes de uma segunda geração, posto que a primeira (finais do século XIX) encontrava-se já no litoral brasileiro, inclusive com comércio atacadista e industrial (SAFADY, 1966). Esse grupo, como muitos outros se lançaram rumo ao interior do Sul de Mato Grosso por caminhos ferroviários, marítimos e terrestres (OLIVEIRA, 2001).

Ao comporem um grupo de comerciantes com elementos culturais distintos da comunidade douradense em geral, vão organizar-se em forma de uma Colônia, composta de elementos culturais próprios. É o ambiente onde os que partilham dos mesmos caracteres irão reconhecer-se, seja pela origem étnica (embora distinta, inclusive geograficamente), pela língua árabe, alimentação, religião, etc.; porém, irão rearticular estes elementos para inserirem-se na sociedade douradense, incorporando outros modelos culturais que não serão totalmente sírios ou libaneses, nem douradenses, mas um objeto híbrido: incorporam modos de ser do *outro*, criaram uma nova identidade sem abrir mão daquelas que já possuíam. A grande parte deste grupo não continuou morando em Dourados, apesar de primariamente fixarem-se (casas comerciais, sociedade beneficente, mesquita), sendo que aos finais da década de 1980 já não havia uma concentração que

²³ JUCEMS – Livro de registro de firmas nº 2, referente a Dourados, 1959-1962, p. 33.

outrora tiveram. Isto é um indicativo de que estudá-los perpassa por uma ação desafiante, mas, com a certeza de constatar que ao fim foram agentes históricos de seu tempo.

Referências Bibliográficas:

AMARÍLIO JÚNIOR. *As vantagens da imigração syria no Brasil*. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935.

BERTRAN, Paulo. *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil*. Brasília: CODEPLAN; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1988.

BETONI, Walteir Luiz. *Dourados: entre a memória e a História*. 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

BOSCO, Maria G. Dal. *Viajantes da ilusão: os pioneiros*. Dourados: Ed. Via Nova, 1995.

CAPILÉ JÚNIOR, J. Augusto; CAPILÉ, Júlio; SOUZA, M. de Lourdes. *História, fatos e coisas douradenses*. Dourados: [s.n.], 1995.

GOULART, José Alípio. *O mascate no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1967. p. 165.

GRESSLER, L. A., SWENSSON, L. J. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. [Dourados], 1988.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Pereira e Marcos Penchel. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (Org). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000.

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do Cristianismo aos dias de hoje*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MASSOULIÉ, François. *Os conflitos do Oriente Médio: séc. XX*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A política de colonização em Mato Grosso (1937-1945)*. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

OLIVEIRA, Marco A. M. de. *O Mais Importante era a Raça. Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande, MS*. Tese (Doutorado em História). FFLCH/USP, 2001.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil na construção histórica de Mato Grosso (1918-1956)*. 1999. Tese (Doutorado em História Econômica) – FFLCH/USP, São Paulo.

SAFADY, Wadih. *Cenas e Cenários da Minha Vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SALÉM, Jean. *O povo libanês: ensaio de Antropologia*. Trad. Antônio Boueri. São Paulo: Ed. Van Grei, 1969.

SODRÉ, Néelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941.

SOUZA, Rozemar Mattos. *Dourados: seus pioneiros, sua História*. Dourados – MS: Gráfica Stillus, 2003.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Bóris (Org). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000.

Artigo recebido em 20/11/2006.

Artigo aprovado em 22/12/2006.